

FORMAS DE POVOAMENTO RURAL NA REGIÃO DO ALTO PAIVA (SÉCULOS V – X)

Marina AFONSO VIEIRA

Universidad Autónoma de Madrid

Resumo

Este artigo constitui uma leitura do povoamento rural do Alto Paiva, uma região que possui um carácter eminentemente serrano e, portanto, constitui uma área periférica do entre Douro e Mondego, na orla das *civitates* de Lamego e Viseu. Apresentam-se os dados arqueológicos disponíveis para o período que decorre entre o século V e o século X. Através da informação recolhida, começa-se por esboçar a malha de povoamento romano, essencial para compreender os períodos que se seguem, apreciando-se o domínio da quinta como unidade de exploração deste território. Seguidamente, apresenta-se uma abordagem do quadro de assentamento tardo-antigo e alto medieval. Neste âmbito analisa-se a possível pervivência de parte do povoamento disperso e a sua relação com as sepulturas escavadas na rocha; avaliam-se alguns sítios que poderão ter sido reocupados por questões de insegurança e outros que terão surgido devido à mesma preocupação; examina-se a existência de algumas necrópoles não rupestres que poderão evidenciar uma nova organização espacial. Esta visão provisória é acompanhada por mapas temáticos.

Palavras-chave: Beira Alta; Povoamento rural; Romanização; Antiguidade Tardia; Alta Idade Média.

Abstract

This paper presents an approach to the rural settlement of the Upper Paiva, a region that has a mountainous character and therefore was a peripheral area between Douro and Mondego rivers, in the edges of Lamego and Viseu *civitates*. The archaeological data available for the period between Romanization and Early Middle Ages is the base for this text. The author starts with a sketch of the roman settlement pattern, essential to understand the following periods, becoming visible the importance of the “farm” as the agrarian production unit. Afterwards, the frame of the Late Antiquity and Early Middle Ages settlement is advanced, by analysing some themes like the possible continuity of part of the disperse settlement and its relation to rock carved graves; some sites that may have been reoccupied for safety reasons and others that may have been created due to the same concern; the existence of some necropolis not carved in rock, that may suggest a spatial reorganisation. Thematic maps accompany this provisional approach.

Key words: Beira Alta; Povoamento rural; Romanização; Antiguidade Tardia; Alta Idade Média.

Tal como para a grande maioria do território português, também para o Alto Paiva¹ (vide Fig. 2) escasseia a documentação escrita para o período

¹ Texto elaborado no âmbito do Projecto: *Da Serra da Nave ao Vouga. Paisagens humanas da Antiguidade Tardia à Alta Idade Média* (PNTA).

anterior à nacionalidade. Portanto, para fazer uma aproximação ao período que medeia entre a Antiguidade Tardia e a Alta Idade Média, há que recorrer à arqueologia.

Os dados que vão ser apresentados neste texto são provenientes de um estudo extensivo, que recorreu a estudos no terreno, mas de carácter não sistemático,

ou seja, a prospeções arqueológicas dirigidas². Cremos que a amostragem conseguida permitiu fazer uma primeira análise do povoamento da região, mas sobretudo possibilitou a formulação de uma série de perguntas que norteiam a fase de investigação actual³.

O Alto Paiva é um pequeno retalho da Beira Alta que abraça o planalto da Nave, uma superfície que roça os 1000 m de altitude onde nasce o rio Paiva (vide Fig. 3). A inclinação deste plaino para sudoeste é sublinhada pela drenagem do Paiva que se faz sobretudo pela sua margem direita, acompanhando as fracturas de NNE-SSO. O vale do Paiva, a partir de Vila Nova de Paiva e até Castro Daire, apresenta uma morfologia embutida, manifestando-se em vertentes mais abruptas.

A abundância de água empresta alguma fertilidade aos magros solos de origem granítica. Nas zonas aplanadas os pequenos corgos são frequentemente aproveitados para inundar os campos e criar lameiros, propícios para a criação de gado. Os vales são aproveitados para a agricultura, praticando-se ainda hoje uma agricultura que não está muito longe da lógica da sobrevivência.

O Alto Paiva a norte confina com a Serra de Santa Helena, a nordeste é delimitado pelas encostas viradas a leste da Serra de Leomil, a este-sudeste pela Serra da Lapa, a sudeste pela nascente do Vouga, a sudoeste, pela Serra de S. Lourenço, onde se encaixa o curso do Paiva, a oeste e a noroeste é demarcada pelos contrafortes virados a nascente da Serra de Montemuro, e também pelos anteparos de leste da Serra de Bigorne, mais precisamente no vale do rio Paivô, afluente do rio Paiva.

A região assim demarcada abrange a totalidade do concelho de Vila Nova de Paiva, um retalho sul e oeste do concelho de Castro Daire (não inclui a sede

² Estes trabalhos de prospecção decorreram entre 1998 e 2000, no âmbito do projecto “O Alto Paiva, sociedade e estratégias de povoamento desde a Pré-história Recente à Idade Média”, coordenado por Domingos J. Cruz, resultando na elaboração da dissertação de mestrado da autora deste texto. Os dados que se apresentam neste artigo são sensivelmente os mesmos que serviram para a preparação do dito trabalho académico (Vieira, 2004), mas agora vistos de uma perspectiva distinta, tendo também sido revistas algumas classificações de sítios, com base em informação obtida recentemente.

³ Que se leva a cabo através do projecto “Da Serra da Nave ao Vouga, paisagens humanas da Antiguidade Tardia à Alta Idade Média”, que pretende dar continuidade ao projecto precedente, investindo-se numa aproximação mais intensiva, com escavações arqueológicas e prospeções sistemáticas em algumas áreas do território em estudo.

de concelho), a parte leste do de Moimenta da Beira (também não incluindo a sede de concelho), os extremos meridionais do concelho de Tarouca, a fracção mais ocidental do concelho de Sernancelhe, o extremo norte do concelho de Sátão e a extremidade norte do de Viseu.

As prospeções arqueológicas são um método que apenas permite dar conta de vestígios existentes à superfície do terreno, não sendo mais do que uma amostragem, por vezes muito enganosa, do que se encontra soterrado. O tipo de utilização do solo condiciona fortemente a detecção de restos do passado, sendo as zonas florestadas ou com muito mato as que menos visibilidade apresentam. Nos últimos anos, a florestação não só condiciona a percepção de vestígios à superfície, como ainda promove a sua obliteração, o que tem vindo a verificar-se em muitos hectares de terreno do Alto Paiva surribados com maquinaria pesada.

A atribuição de cronologias aos vestígios que são detectados desta forma é também um dos grandes problemas de quem recorre a esta técnica arqueológica. Mesmo quando se conhecem, excepcionalmente, objectos como moedas, epígrafes ou cerâmicas finas, não é possível estabelecer o lapso de tempo ocupado. Assim, depois de analisados os materiais encontrados, os sítios são atribuídos a grandes divisões temporais⁴.

Estas limitações não são aplicáveis apenas às prospeções extensivas, também se verificam nos trabalhos sistemáticos. Os meios de que dispúnhamos não permitiram a utilização de uma metodologia intensiva, pelo que se procedeu a uma prospecção dirigida, complementada pela selecção aleatória de algumas áreas. Apesar da menor fiabilidade dos dados assim obtidos, somos apologistas de que se devem avançar propostas de trabalho, sem as quais não seria possível progredir no conhecimento do povoamento antigo.

A informação obtida através do levantamento bibliográfico e das prospeções foi organizada numa base de dados (FileMaker Pro 4.1), sendo depois introduzida num sistema de informação geográfica que possibilitou o seu tratamento espacial e cartográfico (ArcView 3.1). Optámos por apresentar em anexo a este texto uma listagem dos sítios cartografados, onde o leitor poderá encontrar um resumo que caracteriza cada local⁵.

⁴ Romano; Romano – Alto Império; Romano – Baixo Império; Romano/Alta Idade Média; Alta Idade Média.

⁵ A numeração indicada para cada sítio corresponde a essa base de dados que foi usada na elaboração da dissertação de mestrado já referida (Vieira, 2004).

Outra limitação que se apresenta a todos aqueles que trabalham dados provenientes de prospecções arqueológicas é a classificação dos sítios detectados em termos de tipologia de habitat, pois só assim se podem tentar revelar hierarquias de povoamento e correspondentes sociedades⁶. Para a época romana existe uma proposta de Jorge de Alarcão (1998) que conjuga a natureza dos materiais de superfície com a área de dispersão dos vestígios. A aplicação desta “fórmula”, depois de adequada à realidade da zona⁷, permitiu fazer uma primeira análise dos vestígios do Alto Paiva, tendo sido identificados aldeias, *villae*, quintas e casais.

Vejamos os critérios de classificação. As **aldeias** são povoados abertos, de matriz concentrada, onde habitam indivíduos que exploram o território circundante numa lógica de subsistência, são mais pequenos e menos especializados do que os *vici*. Foram classificados como “aldeia” todos aqueles locais que apresentam uma superfície de dispersão de vestígios de cerâmica de construção, cerâmica comum e pedra aparelhada, a partir de 10000/15000 m². Os **casais** são unidades de exploração (agro-pecuária) de carácter familiar, praticando uma economia de auto-subsistência. Possuem uma pequena área construída e uma arquitectura simples, os objectos usados são pouco diversificados e modestos (Alarcão, 1990:421-422; 1998:93-94). Definiu-se como “casal” toda aquela estação que apresenta uma área de dispersão de vestígios entre os 100 e os 2000 m². Os materiais de superfície podem revelar cerâmica de construção, pedra miúda (mesmo que sumariamente aparelhada) e cerâmica comum. As **quintas** são locais intermédios entre os casais e as *villae*, talvez ligeiramente mais vocacionados para a produção de excedente do que os casais. Este grupo é constituído por sítios que apresentam uma dispersão de materiais à superfície entre os 2000 e os 10000 m². Tal como os casais, estes vestígios devem incluir cerâmica de construção, pedra miúda e cerâmica comum. Por vezes pode registar-se a presença de cerâmicas mais finas. As *villae* possuirão materiais um pouco mais luxuosos do

Foram suprimidas todas as entradas que não eram de interesse para este texto, daí os números saltados.

⁶ Veja-se o esquema interessante de cruzamento de quatro descritores: área de dispersão dos achados, materiais recolhidos, tipo de solos e cronologia relativa em Lopes, 2003:227-260.

⁷ A adaptação da tipologia cingiu-se *grosso modo* à substituição do termo “granja” por “quinta” e à utilização de uma outra categoria “habitat” para designar todos aqueles sítios sobre os quais não foi possível obter informação mais detalhada por já terem sido destruídos ou por estarem cobertos por vegetação que não possibilita a observação do solo. Para uma descrição mais detalhada cf. Vieira, 2004:29-31.

que as quintas e terão, certamente, uma arquitectura mais elaborada do que essas, procurando emular os modelos romanos (veiculados pela literatura da época). Esta designação coube apenas àquelas estações que apresentam uma dispersão de vestígios entre os 10000 e os 25000 m² e se distinguem do grupo anterior devido ao achado de cerâmicas finas e elementos arquitectónicos (como silhares e colunas).

Concordamos com Pedro Carvalho relativamente à necessidade de se debater a questão da classificação tipológica de sítios romanos conhecidos através de prospecções, tanto ao nível da uniformização de critérios, como da adaptação dos esquemas interpretativos às diferentes regiões (Carvalho, 2002:135)⁸. Tal como consideramos que essa reflexão se deverá estender também à Antiguidade Tardia e Alta Idade Média, tanto mais quando sabemos que há muitos casos de coincidência espacial entre sítios romanos e altomedievos.

Seria impensável abordarmos a época tardo-antiga e alto medieval sem termos em conta o período imediatamente precedente, por isso é essencial começarmos por fazer uma análise do que conhecemos para a romanização.

Em termos administrativos de época romana, esta região, de carácter eminentemente serrano, ficaria na orla das *civitates* de Lamego e Viseu, ou seja, encontrar-se-ia na periferia destes *territoria*. O peso da ruralidade em toda esta área da Lusitânia deveria ser muito marcante, existindo apenas alguns focos de urbanismo, provavelmente nas povoações que encabeçavam as *civitates*, embora se conheça muito pouco acerca destas devido ao facto de terem continuado a ser habitadas até ao presente⁹, e eventualmente alguns *vici*.

A distribuição dos sítios no Alto Paiva parece responder a uma lógica de aproveitamento dos recursos hídricos e das terras aráveis (vide Fig. 4). As vias¹⁰ que vertebram o território poderão ainda ter sido um factor de atracção destes assentamentos rurais, sendo evidente o benefício daí advindo, tanto ao nível do escoamento da produção, como na

⁸ Acerca da problemática da fiabilidade dos trabalhos de prospecção sistemática e da atribuição de tipologias aos sítios identificados com esta técnica cf. Vallat, 1991:1-9, Barker, 1995 e Simmons, 1998:159-167.

⁹ A arqueologia urbana em Lamego é praticamente inexistente e em Viseu avança lentamente ao sabor das obras públicas, nesta última já se conhecem alguns dados interessantes, como a recente descoberta de um troço de muralha, mas ainda não é possível caracterizar estes centros.

¹⁰ A reconstituição hipotética dos traçados viários antigos pode ser encontrada em Vieira, 2004:31-37.

obtenção de produtos extra-regionais, os quais, aliás, aparecem representados nalguns dos sítios sob a forma de fragmentos de *terra sigillata*.

O vale do Paiva é atractivo na sua fase não encaixada (sensivelmente da nascente até Fráguas). Os espaços que não apresentam sítios arqueológicos correspondem sobretudo a áreas de maior altitude ou a zonas arborizadas, pelo que a prospecção dessas áreas não foi frutuosa, mas poderá significar que não se identificaram aí sítios que podem existir sob a vegetação. Não podemos esquecer que os sítios inventariados como assentamentos rurais possuem vestígios de cerâmica de cobertura (tégula), o que facilita a sua detecção à superfície, se considerarmos que poderão ter existido assentamentos que não tenham recorrido a coberturas cerâmicas das habitações, o seu local de habitat pode ser muito difícil de descobrir. Imaginamos que nas zonas mais inóspitas é possível terem existido comunidades dependentes da pastorícia correspondendo a este perfil.

A “quinta” parece ser a unidade de exploração agrária por excelência na região¹¹. Pela sua localização (altitude e recursos), aproveitaria tanto a terra arável como o monte para a criação de gado. Não sabemos qual seria a dimensão do território de cada quinta, mas se lhe atribuirmos um valor na ordem dos cinquenta hectares¹², verificamos que não há qualquer sobreposição de propriedades.

Em termos de atribuição da categoria “quinta”, esta corresponde a uma área de dispersão de vestígios entre os 2000 e os 10000 m². A maioria dos sítios (75%) tem menos de 5000m², e dentro desse grupo dominam os sítios abaixo dos 3000m² (40%). Com base nestes dados (vide Fig. 1) poder-se-ia pensar em estabelecer uma hierarquia tendo os 5000m² como referência, ou seja, considerar-se que as quintas com valores acima dessa área de dispersão representariam propriedades mais importantes¹³. Contudo, há que ter

¹¹ Com base em prospecções efectuadas na Covilhã e no Fundão, Pedro Carvalho aponta para a hipótese de “as quintas constituírem a unidade fundiária por excelência desta região”, o que também parece ser extensível à bacia média do Côa e à bacia da Ribeira de Massueime. (Carvalho, 2002:134-135 e nota 14). É possível que também na área do Alto Paiva se verifique a mesma situação.

¹² Jorge de Alarcão (1999:33) propôs um valor entre os 10 e os 50 hectares para os territórios de exploração de uma “granja” (que para nós é a “quinta”).

¹³ Inclusivamente, se déssemos excessivo valor à área de dispersão dos vestígios e não os conjugássemos com outros factores, teríamos que considerar a existência de mais unidades do tipo *villa*. Mas nunca podemos perder de vista que quando encontrarmos algo à superfície é

cautela, pois, por um lado, os sítios com maior área não se distinguem dos outros ao nível dos materiais de superfície ou da implantação no terreno, e por outro lado, não há uniformidade em termos de uso do solo actualmente e sabemos que os locais que são lavrados e/ou têm pendente tendem a apresentar valores mais elevados de dispersão dos vestígios, o que pode ser enganador¹⁴. Nunca se devem desvalorizar os processos pós-deposicionais. Temos o caso do sítio de Carvalhais para nos alertar para este tipo de problemas: este local havia sido detectado e prospectado entre 1998-1999, praticamente não existindo áreas lavradas, portanto com uma má visibilidade do solo, tendo-se estabelecido uma área de dispersão de vestígios de apenas 2000 m². Em 2001, a construção de um novo traçado da estrada 329 levou à destruição de parte desta jazida arqueológica, que agora está em processo de escavação. Um incêndio florestal veio a revelar ainda uma área de escorial. Somando toda a área que foi sendo descoberta pelos vários infortúnios, mais aquela que as sondagens revelaram, chegamos a números muito superiores a 10000 m² (vide Fig. 1), que obviamente só surgiram devido às vicissitudes por que a estação passou.

| N.º | Designação | Área m ² |
|-----|--------------------|---------------------|
| 035 | Portela | 2000 |
| 056 | Quinta da Eira | 2000 |
| 058 | Devesa | 2000 |
| 086 | Duas Igrejas | 2000 |
| 103 | Coval | 2000 |
| 033 | Covais | 2100 |
| 097 | Muragos | 2500 |
| 099 | Míguela | 2800 |
| 039 | Espinheira | 3000 |
| 093 | Padre Vaqueiro | 3500 |
| 092 | Pinheirinhos | 3600 |
| 077 | S. Romão | 4000 |
| 090 | Chão de Ferreiros | 4200 |
| 041 | Quinta de Paredes | 4230 |
| 098 | Alagoa | 4390 |
| 043 | Cerdeira do Lagar | 6240 |
| 073 | Vila Seca | 8400 |
| 096 | Debotinos | 10000 |
| 068 | Pousada das Campas | 10704 |
| 104 | Carvalhais | 15000 |

porque a camada arqueológica está a ser perturbada e trazida ao de cima, portanto se não sabemos quão profunda é a destruição não temos ideia da representatividade do que encontramos à superfície.

¹⁴ Todos os sítios que apresentam uma maior dispersão de vestígios encontram-se agricultados e/ou apresentam desnível do terreno.

Apenas encontramos dois exemplos de *villa*, já nas franjas do Alto Paiva, em zonas que hoje parecem apresentar um potencial agrícola superior àquele que é mais comum no resto da região¹⁵. Ambas aparecem bem posicionadas em termos dos eixos viários e têm abundância de água. Uma das duas *villae* parece englobar dois sítios, os números 4 e 5, localizados a meia encosta numa área de declive algo acentuado do vale do rio Paiva. É precisamente a implantação que nos levanta alguma dúvida, pois hoje os campos agrícolas são sustentados por socalcos, o que evidencia o desnível do terreno. Será que um local assim atrairia o assentamento de uma exploração agro-pecuária do tipo da “villa”? A localização deste sítio poderá estar ligada à passagem do rio naquele ponto, o próprio topónimo “Portela” o indica. A importância deste possível itinerário não é conhecida, todavia é possível perceber que este eixo permitiria a comunicação entre a bacia do rio Douro e a bacia do rio Paiva, o que nos projecta para uma realidade de ligação regional, ou mesmo inter-regional. É, portanto, possível que se tratasse de um sítio também vocacionado para a atenção ao viandante e não apenas de uma unidade de exploração agrícola, uma vez que o relevo condicionaria bastante a sua actividade. Aqui fica a dúvida.

Talvez enquadrados na pervivência de uma realidade pré-romana, temos dois locais que poderão ter correspondido a aldeias (12 e 31). Porém, não sabemos se estes podem ser atribuídos a um momento de chegada dos romanos ou do fim da organização imperial, pois não temos um balizamento cronológico destes assentamentos que o permita saber. No caso de S. Lourenço (12), a destruição de grande parte dos vestígios, devido à florestação, não nos permite ir mais além do que tentar aproveitar os dados que nos foram transmitidos por diferentes observadores, por conseguinte não sabemos se a ocupação de época histórica se deu ou não no interior do recinto fortificado. No caso de Quelhas (31), a mancha de ocupação encontra-se imediatamente no sopé de um recinto fortificado pré-romano (Muro, 30). O movimento, que leva a ocupar o exterior dos povoados pré-históricos e colocar-se mais próximo das terras aráveis em detrimento dos espaços pastoris, parece atestado para várias regiões do noroeste peninsular, tanto como resultado do impacto da romanização, como também em períodos posteriores

¹⁵ Não estão disponíveis cartas de uso e capacidade dos solos para esta região, pelo que a nossa avaliação foi feita em função da observação do tipo de culturas que hoje existem.

(Gutiérrez González, 2001:635). Embora mais uma vez não possamos precisar cronologias, como o sítio do Muro se encontra em processo de escavação¹⁶, talvez num futuro próximo consigamos ter alguma pista mais sólida.

Em suma, teríamos uma área com uma dinâmica de ocupação algo interessante, prevalecendo dois exemplos de um padrão de assentamento anterior, as duas “aldeias”, mas dominando um tipo de unidade de exploração agrícola que denominamos “quinta”. É curioso apontar que, em termos de implantação, a aldeia localizada em Quelhas (31) obedece a um padrão idêntico ao de algumas das quintas: altitude média de 800 m, terras planálticas bem irrigadas e dominando espaços de natureza distinta, uns com características mais propícias para a criação de gado e outros para a agricultura.

Apenas na zona leste vamos encontrar dois sítios denominados casais (16 e 25). Não sabemos se esta exiguidade se deve ao facto de não terem sido identificados outros sítios análogos no registo arqueológico de superfície, ou se a área de dispersão não corresponde ao que de facto se encontra sob a superfície. De qualquer forma, poderemos dizer que este tipo de assentamento não é uma parte expressiva da malha de povoamento da região, embora lhe introduz alguma complexidade. Em termos de localização parece obedecer exactamente aos mesmos pressupostos que identificámos para as quintas.

Uma série de pontos que não puderam prestar melhor informação foram rotulados como “habitat”. A sua distribuição parece indicar uma apetência por condições semelhantes às encontradas para as quintas e a não coincidência destes pontos com os restantes acaba por compor um quadro de uma ocupação algo homogénea do espaço do Alto Paiva.

É incontornável referir a existência de três locais que nos remetem para a exploração de recursos mineiros (3, 80 e 81), estanho em todos eles e ainda ouro no caso de Lousadela (81), embora não possuam vestígios habitacionais muito próximos. A escassez de sítios poderá ficar a dever-se à grande dificuldade de prospectar nestes locais, sobretudo na zona de Queiriga (80 e 81), onde o coberto vegetal e/ou a acumulação de detritos de mineração impede a observação do solo. A alguma distância aparecem sítios que foram classificados como “habitat” (devido a terem sido destruídos e pouco se saber sobre eles). É possível que estejam relacionados com os locais de extracção mineira (78, 79 e 82).

¹⁶ As escavações estão a ser levadas a cabo sob a direcção dos arqueólogos Sílvia Loureiro e Alexandre Valinho.

Não será muito o que podemos afirmar sobre este quadro de povoamento. Pode-se aventar que as aldeias seriam constituídas por proprietários rurais indígenas, que explorariam os terrenos que envolviam o espaço habitacional, o antigo território do povoado fortificado. Não conhecemos a distribuição das terras pelos habitantes, mas é possível que existissem tanto propriedades pertença de cada uma das famílias, como espaços de aproveitamento comunitário.

A maior fatia do povoamento é, sem dúvida, constituída pelas quintas, face às *villae*, casais e aldeias. É possível que estejamos perante o domínio característico de uma área que não se destaca pela abundância de recursos. Esta situação parece apontar para uma maioria de pequenos proprietários rurais, mas nada sabemos da forma como exploravam o território, a que tipo de mão-de-obra recorriam, a que fiscalidade estavam sujeitos. Com os dados que possuímos também não nos é possível descortinar eventuais relações de dependência entre os vários assentamentos.

Vejamos agora que tipo de panorama será possível traçar para a Alta Idade Média a partir dos dados recolhidos no terreno. Tal como sucede noutras regiões, há uma enorme dificuldade em associar vestígios arqueológicos ao século V e seguintes. Ainda para mais quando se têm apenas dados de superfície. Se partirmos do princípio que a população não desapareceu toda, há que procurar vestígios da sua permanência no território. Vários autores apontam para uma maior “invisibilidade” do registo arqueológico devido à utilização de materiais de construção perecíveis, uma alegada menor densidade populacional nas zonas de vale e a prevalência de cerâmica de fabrico local (Chapelot e Fossier, 1980:57, 134-135; Barker, 1991:3). cremos que também os fenómenos de reutilização de estruturas serão um dos factores que mais ajudarão a mascarar os dados, bem como o nosso desconhecimento da cultura material destes períodos. Neste ponto cumprenos alertar para a questão do achado superficial mais abundante em todo o Alto Paiva: a tégula. Durante muitos anos este material era considerado apanágio da época romana e como tal todos os sítios que o possuíam eram desta cronologia. Hoje, apesar de ainda faltarem estudos de fornos, admite-se que a utilização e fabrico desta cerâmica de cobertura se estendeu até ao século X, ou seja, na falta de outros indícios, temos que admitir uma cronologia bem longa para os sítios onde aparece tégula.

A que podemos então recorrer para destrinçar o povoamento romano do que se lhe segue? Uma pista que nos parece interessante é a das sepulturas

escavadas na rocha. Estes monumentos poderão ser datados a partir do século VII (López Quiroga, 2004:272-273)¹⁷. Partindo deste pressuposto, traçámos no mapa (Fig. 5), um círculo em volta dos sítios romanos que coincidem com monumentos funerários rupestres e chegámos a um quadro interessante: há um bom número destes locais que se sobrepõem. Também é curioso notar que as sepulturas escavadas na rocha que não coincidem com sítios romanos se concentram na área oriental da zona de estudo, correspondendo na sua maioria a situações em que foi possível detectar as sepulturas, dado encontrarem-se em afloramentos rochosos, mas onde não é possível prospectar em volta devido à vegetação ou à existência de área construída. A implantação destes locais parece corresponder à mesma lógica que havia presidido à das quintas, ocupando os interflúvios planos e bem irrigados. É como se estes sítios “completassem o quadro” anterior.

Voltemos aos sítios que apresentam vestígios romanos a que se associam sepulturas escavadas na rocha. Apresenta-se uma coincidência de espaços, nalguns casos com uma ligeira deslocação das sepulturas relativamente aos sítios onde se detectam os vestígios de superfície. Mas será que isto significa que houve continuidade? Noutros âmbitos têm surgido dados que apontam para a existência de assentamentos alto medievos sobre estruturas romanas de tipo *villa*, apontando-se para uma certa continuidade em termos espaciais, nomeadamente com a presença de necrópoles e/ou templos cristãos sobre as antigas estruturas¹⁸. Mas se nesses casos há dados cronológicos, provenientes de escavações, que apontam para uma efectiva presença de população; na presente situação ignoramos se há um hiato ou não entre o assentamento romano e a construção das sepulturas escavadas na rocha. Só recorrendo a métodos mais intensivos poderemos encontrar alguma resposta. Mas, mesmo que esse hiato não exista, será

¹⁷ A cronologia destes monumentos funerários está longe de ser pacífica. No Alto Paiva apenas se conhecem exemplos deste tipo de vestígios perfeitamente despojados do seu conteúdo e de qualquer tipo de cobertura. Mesmo noutras regiões onde são conhecidos, raramente têm uma estratigrafia associada, assim arrasta-se o problema de quando foram esculpidos pelo homem, sendo remetidas vulgarmente para o intervalo entre os séculos VIII e X e por vezes até além. Na falta de melhor critério a tipologia tem sido o critério da aproximação do arqueólogo a este tipo de estrutura funerária. Acerca desta temática no Alto Paiva cf. Vieira, 2004:69-82.

¹⁸ Vide, a título de exemplo, o trabalho de síntese de A. Chavarría que inclusivamente equaciona as alterações nas *villae* com novos povoadores (Chavarría, 2004:67-102).

que em termos económicos e sociais podemos falar de continuidade? Basta considerarmos que o habitat está próximo das sepulturas para percepcionamos uma alteração de monta em termos de mentalidade.

Na realidade, como hipótese, não nos repugna pensar que a quinta possa ser uma estrutura relativamente estável e que perante a desagregação do mundo fiscal romano (também desconhecemos até que ponto a administração romana cobrava impostos no Alto Paiva) tenha continuado a explorar o seu território, permanecendo o padrão de povoamento disperso. Será necessário fazer escavações para que se possa ter dados mais concretos, só assim poderemos ter mais pistas para compreender que mudanças se operaram neste espaço eminentemente rural. Consideramos importante procurar estabelecer o esquema de circulação de bens em época romana e tentar identificar modos de produção, para depois tentar diagnosticar-se as alterações que se vão operando na Antiguidade Tardia.

Regressemos mais uma vez à análise do mapa (Fig. 5). Temos, portanto, uma eventual permanência de um tipo de habitat disperso a que anteriormente chamamos quintas. Coloca-se agora a questão do que terá acontecido aos sítios onde não aparecem sepulturas escavadas na rocha: terão sido abandonados, ou por qualquer razão não existem ou não se conhecem sepulturas? Se os habitantes desocuparam o local não sabemos quando nem porquê, inclusive podem ter deixado de viver aí, mas ter mantido a propriedade e continuado a explorá-la. Não encontramos nenhum padrão que tenha que ver com a manutenção dos locais situados a maior altitude, ou a preferência por locais marginais, pelo contrário, parece manter-se a lógica de assentamento anterior. Estes sítios podem ter sido deixados ainda durante a época romana, ou num momento mais avançado, mas antes da fase em que surgiu o hábito de enterrar em sepulcros rupestres, embora se possa sempre relacionar o hipotético abandono com a instabilidade que se seguiu à decomposição da organização romana imperial. Se o motivo foi a insegurança, existe a hipótese de a população ter optado por um povoamento agrupado em detrimento do disperso e que o pode ter feito apenas temporariamente, já o analisaremos adiante.

No mapa da Fig. 6 encontramos o panorama que é possível reconstituir para depois do século VII. O povoamento disperso parece ser a norma, sendo que os habitantes de cada assentamento enterrariam os seus mortos junto do local onde viviam. Esta situação reflecte uma ausência de templo paroquial próximo onde se concentre o culto, podendo considerar-se que existiria uma rede paroquial muito lassa, típica da imagem que hoje temos da época suevo-visigótica.

Contudo, há informação que associa a algumas necrópoles rupestres a existência de templos, nomeadamente a três dos núcleos identificados, que curiosamente são locais documentados desde época romana. Em S. Romão, Carvalhais e Vinha da Moita (77, 104, 50), as lendas locais referem a existência de igrejas. Tendo o primeiro mantido o orago no próprio topónimo. Porém, não se trata de necrópoles extensas: a primeira tem cinco sepulturas, a segunda doze e da última apenas resta uma¹⁹. Esta situação é notável e pode apontar-nos para a ocorrência de uma reorganização posterior que tenha levado a preterir estes locais e suas igrejas. Singularmente a população que habita nas proximidades destes sítios considera que estes antigos templos estão na origem das suas igrejas paroquiais, muitas vezes implantadas a alguns quilómetros de distância.

Outros vestígios funerários requerem agora a nossa atenção. Estão documentadas duas necrópoles com um carácter distinto das anteriores, pois, para além de estarem associadas a templos actuais – uma é igreja matriz e a outra uma ermida – possuem modelos de enterramento distintos das sepulturas escavadas na rocha. A capela, dedicada a S. Martinho (83), encontra-se rodeada por dez sarcófagos monolíticos, enquanto que em volta da igreja matriz de Vila Cova-à-Coelheira (95), consagrada a S. João Baptista, surgiram três sarcófagos e quatro sepulturas estruturadas com lajes. Este tipo de cemitério, diferente dos rupestres, remete-nos para a preocupação de sepultar os mortos *appud ecclesia* e talvez reflecta o início de uma reorganização de tipo paroquial. Será que após implantação destes locais, perdem importância os antigos assentamentos dispersos em prol de um habitat concentrado? E terá sido promovido por uma aristocracia que procura estender a sua esfera de influência? Neste caso estaríamos perante um momento de apropriação do território de tipo “senhorial”, uma nova fase em que o povoamento vai ser enquadrado numa lógica distinta.

Outro aspecto que poderá ter influenciado a organização do povoamento é a chegada e fixação de grupos provenientes de outras paragens. Há vários indícios que apontam no sentido de, a partir do século VIII, se terem dado importantes movimentações populacionais. Uma área como o Alto Paiva poderá ter recebido tanto gentes de origem setentrional como meridional, neste caso moçárabes²⁰. Haveria

¹⁹ Segundo informação da população, existiriam mais mas foram destruídas; pelas suas descrições é possível que existisse também um sarcófago (?).

²⁰ O Alto Paiva possui poucos exemplos de toponímia de origem arábica quando comparado com as áreas em seu redor, embora muitos exemplos passem despercebido pois são microtopónimos não registados nas cartas

certamente espaço não cultivado para ser ocupado pelos novos habitantes, mas com os dados que temos de momento não sabemos dizer se de facto aqui se fixaram nem que tipo de relação terão tido com a população residente.

Volvendo à análise do mapa patente na Fig. 6, cumpre-nos assinalar a existência de outro tipo de povoamento: aquele que terá buscado a vizinhança de sítios pré-históricos. Regista-se uma ocupação da área em volta do castro de Vila Cova-à-Coelheira (94), um pequeno reduto fortificado que terá sido construído e povoado nos finais da Idade do Bronze Final e princípios da Idade do Ferro. Será que surgiu uma aldeia da congregação de população do anterior povoamento disperso (90, 92 e 93)? Nas imediações de outro povoado fortificado pré-histórico também se encontram vestígios alto medievos, embora não tenha sido detectado anterior povoamento disperso em seu redor. Trata-se de um sítio (Castelo de Ariz, 19) que remontará ao Calcolítico e que poderá ter sido usado como reduto defensivo, em caso de perigo, durante a alta Idade Média, uma vez que aí se encontram alguns fragmentos de cerâmica que poderão ser medievais, conhecem-se, nas imediações, os alicerces de uma igreja dedicada a S. Miguel (18) e, um pouco mais afastada, uma sepultura escavada na rocha e respectivo habitat (17). Portanto, teríamos voltado a uma lógica de povoamento pré-romano²¹? Cremos que esta seria uma explicação algo simplista, até porque a ocupação não parece fazer-se no interior dos recintos defensivos, mas sim no seu exterior, podendo tratar-se de um recurso apenas em caso de perigo. Em termos económicos, esta deslocação talvez signifique uma prevalência da actividade ganadeira em detrimento da agrícola, uma vez que a aptidão dos terrenos em volta destes lugares, com características naturais de defesa, parece apontar nesse sentido. Outro sítio que foi referido anteriormente como aldeia de época romana também corresponde a esta tipologia de assentamento (Quelhas, 31), no exterior de um recinto fortificado pré-romano, a única diferença seria que talvez pudesse existir uma continuidade desde a romanização²².

militares à escala 1:25000. A apreciável quantidade e variedade de vestígios da língua árabe que chegou até nós desta forma terá sido provavelmente trazida por moçárabes. Cf. Serra, 1967; Vieira, 2005:53-67.

²¹ Nestes dois casos é de assinalar que as ocupações que se conhecem (Vila Cova-à-Coelheira foi escavado e possui datações absolutas) apontam para a reocupação após um milhar de anos ou mais (os dados de superfície do Castelo de Ariz situam-no no Calcolítico).

²² A questão é que de facto não sabemos, até pode só ter sido reocupado em época alto medieva, a régula existe em qualquer dos períodos...

A ter-se dado esta movimentação de população, o que a terá motivado? A “instabilidade” que foi mencionada anteriormente é algo que necessita de ser matizado, mas não há espaço neste texto para isso, pelo que aqui vamos utilizar o termo de uma forma alargada, referindo-nos a todas as circunstâncias, mais ou menos conhecidas historicamente, que possam ter gerado um sentimento de instabilidade entre as populações. Assim, desde as ditas “invasões bárbaras” e estabelecimento das monarquias germânicas, até à conquista muçulmana e posteriores lutas de fronteira, há uma série de conturbações que podem ter atingido esta área, não sendo de esquecer que a região terá tido contacto com as tropas de al-Mansur²³. Portanto, temos um amplo espaço cronológico que poderá acolher a necessidade de recorrer a recintos defensivos. Porém, não podemos esquecer que os episódios violentos que terão tido mais impacto na zona foram os que se balizam entre os séculos VIII e X²⁴ e talvez por isso se possa inserir este fenómeno neste período. Claro que as zonas nevrálgicas do poder foram certamente aquelas que mais sofreram o impacto dos exércitos, mas as zonas rurais não terão ficado incólumes à sua passagem, embora estivessem mais à margem dos acontecimentos, uma vez que não deveriam constituir alvos em si.

Tendo em conta estes aspectos, podemos compreender que é possível que as populações tenham recorrido a locais que lhes parecia que ofereciam mais segurança, atendendo a que essa situação poderia ser temporária, ou seja, apenas em caso de perigo, voltando depois para as suas propriedades. Supomos que esta necessidade de recolher para trás de muralhas poderá estar representada por quatro sítios no Alto Paiva: para além dos três locais já mencionados, o Castelo de Ariz, o castro de Vila Cova-à-Coelheira e o Muro (19, 94 e 30), temos também S. Lourenço (12). Este último sítio terá tido uma ocupação pré-histórica e o próprio topónimo indica cristianização do local, a ele poderão ter recolhido para defesa os habitantes dos assentamentos da encosta sudoeste do monte com o mesmo nome (já fora do Alto Paiva). É presumível, portanto, que a reutilização de recintos defensivos poderá ter adquirido a forma de um habitat concentrado junto do antigo reduto. Será que lhes podemos chamar aldeias, ou proto-aldeias (se quisermos pensar que se trata do protótipo do

²³ Para uma visão clara e concisa da acção deste caudilho na região cf. Barroca, 2003:26-28.

²⁴ Vários autores apontam para estas datas, que aliás *grosso modo* coincidem com outras áreas europeias, mas vamos fazer referência a um dos trabalhos do pioneiro entre nós destas problemáticas (Almeida, 1993:58).

aglomerado tipicamente medieval²⁵)? Este parece um assunto que deverá ser objecto de reflexão.

Outras estruturas com idêntica função de defesa, mas distintas características, também se podem encontrar no território do Alto Paiva. Trata-se do aproveitamento de espaços naturais facilmente defensáveis – frequentemente penedos de grandes dimensões – para construção de um pequeno recinto defensivo incipiente, provavelmente recorrendo ao uso de materiais perecíveis. As populações acudiriam a estes redutos em momentos de perigo. Referimo-nos a estruturas que podem ser apelidadas de “castelos rurais roqueiros”, para utilizar uma expressão de Carlos Alberto Ferreira de Almeida (1993:71)²⁶. Existem dois sítios no Alto Paiva que correspondem a esta tipologia, Castelo (49) e Caria (105). No primeiro caso vemos como a própria toponímia ficou marcada pela existência dessa estrutura; trata-se de um enorme rochedo, hoje no centro da antiga povoação, com uma plataforma superior (que ronda os 30 x 30 m) onde se encontram entalhes que poderão ter servido para sustentar uma superestrutura em madeira. A igreja da vila, possuidora de alguns elementos românicos, aninha-se no sopé deste “castelo”. O segundo caso é menos evidente, mas tem a vantagem de poder corresponder a uma referência de um documento escrito da segunda metade do século X²⁷. É menos imponente que o exemplo anterior, a sua área parece harmonizar-se mais com a existência de uma pequena torre, construída sobre dois penedos impressionantes. De cima desta mole de pedra domina-se claramente a paisagem, com uma excelente visibilidade para o vale do Távora, importante zona de passagem.

Sabemos que Caria é referido na documentação como castelo condal, o que nos remete para uma realidade claramente senhorial. A simplicidade da torre roqueira poderá eventualmente estar ligada a uma origem mais modesta, possivelmente de iniciativa das comunidades locais, que posteriormente terá sido englobada numa lógica de domínio territorial de outra natureza. Esta situação liga-nos agora ao que escrevemos anteriormente quando referimos as igrejas com as suas necrópoles e o papel que eventualmente terão desempenhado as paróquias, num novo desenho

²⁵ Acerca deste tema pode-se consultar o interessante artigo de síntese/debate de Barrios García e Martín Viso (2000-2001:61) com indicação de outra bibliografia.

²⁶ O autor também engloba nesta designação as estruturas defensivas pré-históricas reutilizadas que referimos anteriormente e é dessa forma que aparecem designadas no mapa da Fig.6.

²⁷ O famoso documento de 960 em que D. Flâmula refere os seus *castellos* que deixa em testamento ao Mosteiro de Guimarães, cf. Barroca, 1991:15.

do povoamento que conhecerá a sua fórmula mais acabada na plena Idade Média.

É também possível incluir neste lapso temporal, século X, a aldeia de S. Paio (100). Será o reflexo de uma nova povoação fundada por gentes que vieram de outros lugares? O hagiotopónimo remete-nos precisamente para finais do século X e a população ainda hoje refere que os seus antepassados terão levado dali a imagem que colocaram noutra templo (em Fráguas). A extensão e densidade dos vestígios aponta para uma área de ocupação razoável, pelo que o rótulo de aldeia parece assentar bem a este sítio.

E desta forma encerramos este pequeno périplo pelo povoamento do Alto Paiva, conscientes de que cumprimos o objectivo de fazer uma nova leitura dos dados que antes recompilámos e estudámos, na óptica de colocar novas questões que nortearão a pesquisa que temos em progresso. Nesta fase ainda temos pela frente bastante trabalho de campo, pelo que esperamos poder voltar a analisar este território, desta feita em posse de novos dados que poderão, ou não, trazer mais luz aos assuntos aqui abordados.

BIBLIOGRAFIA:

- Alarcão, J. de (1998): “A Paisagem rural romana e alto-medieval em Portugal”. *Conimbriga* 37, 89-119.
- Alarcão, J. de (1999): “Os arredores das cidades romanas de Portugal”. *Archivo Español de Arqueología* 72, 31-37.
- Almeida, C. A. F. de (1993): “Castelos medievais do norte de Portugal”. *Conclusões das Primeras Xornadas Históricas e Arqueolóxicas da ‘Mariña Lucense’ Foz: a Frouxeira e o Mariscal Pardo de Cela*, 52-101. Lugo.
- Barker, G. (1991): “Approches to archaeological survey”. *Roman landscapes. Archaeological Survey in the Mediterranean Region*. Barker, G.; Lloyd, J., eds. 1-9 London.
- Barker, G., ed. (1995): *A Mediterranean valley: landscape archaeology and Annales history in the Biferno valley*. London - New York:
- Barroca, M. J. (1991): *Do Castelo da Reconquista ao Castelo Românico (séc. IX-XII)*. Lisboa.
- Barroca, M. J. (2003): “Da Reconquista a D.Dinis”. *Nova História Militar de Portugal*, Barata, M. Themudo e Teixeira, N. Severiano, dirs., 1, 22-161. Lisboa.
- Carvalho, P. (2002): “Povoamento rural romano ao longo da ribeira da Meimoa – Fundão (1ª campanha de prospecção intensiva)”. *Conimbriga* 41, 127-152.
- Chapelot, J.; Fossier, R. (1980): *Le village et la maison au Moyen Age*. Paris.
- Chavarría Arnau, Alexandra (2004): “Interpreting the Transformation of Late Roman Villas: The Case of Hispania”. *Landscapes of Change: Rural Evolutions in Late Antiquity and the Early Middle Ages*, Christie, Neil, ed., 67-102.
- Gutiérrez González, J. A. (2001): “Dominio Político y territorio en la formación del feudalismo en el norte peninsular. Propuestas y reflexiones”. *Actas del V Congreso de Arqueología Medieval Española*, 2, 629-669.
- Lopes, C. (2004): *A cidade romana de Beja*. [Conimbriga Anexos 3] Coimbra.
- López Quiroga, J. (2004): *El final de la Antigüedad en la Gallaecia. La transformación de las estructuras de poblamiento entre Miño y Duero (siglos V al X)*. [La Coruña].
- Simmons, A. H. (1998): “Exposed fragments, buried hippos: assessing surface archaeology”. *Surface Archaeology*, Sullivan III, Alan P., ed. 159-167. Albuquerque.
- Vallat, J.-P. (1991): “Survey, archaeology and rural history – a difficult but productive relationship”. *Roman landscapes. Archaeological Survey in the Mediterranean Region*, Barker, G.; Lloyd, J., eds., 1-9. London.
- Vieira, M. A. (2004): *Alto Paiva. Povoamento nas épocas romana e alto-medieval*. [Trabalhos de Arqueologia 36], Instituto Português de Arqueologia, Lisboa.
- Vieira, M. A. (2005): “Subsídios toponímicos para o conhecimento da influência muçulmana a sul do Douro”. *Muçulmanos e Cristãos entre o Tejo e o Douro (Sécs. VIII a XIII)*, Barroca, M. J e Fernandes, I. C. F., coords., 53-67. Palmela.
- Barrios García, Ángel; Martín Viso, Iñaki (2000-2001): “Reflexiones sobre el poblamiento rural altomedieval en el norte de la Península Ibérica”. *Studia Historica – Historia Medieval* 18-19, 53-83.
- Serra, Pedro C., 1967: “Contribuição topo-antroponímica para o estudo do povoamento do noroeste peninsular”. [Publicações do Centro de Estudos Filológicos 16], Lisboa.

LISTAGEM DE SÍTIOS CARTOGRAFADOS E RESPECTIVA BIBLIOGRAFIA:

Os sítios são apresentados seguindo o seguinte critério: número de identificação²⁸; designação; lugar, freguesia e concelho entre parêntesis; coordenadas UTM; breve descrição; área de dispersão dos vestígios; classificação cronológica e tipológica; referências bibliográficas.

001 **Granja** (Almofala, Castro Daire); 600965/4534985; fragmentos de cerâmica de construção e comum. Dispersão aproximada dos vestígios: 1800 m². Granja - Idade Média; Vieira, 2004:105.

003 **Covas** (Farejinhãs, Castro Daire, Castro Daire). 593159/4529016; valas quadrangulares que terão sido escavadas para explorar estanho. Exploração Mineira - Romano? Correia *et al.*, 1995:118; Vieira, 2004:106.

004 **Missa** (Portela "de Lá", Mões, Castro Daire); 595639/4524045; fragmentos de cerâmica de construção (tégula), pequenos fragmentos de *sigillata*, escória; a bibliografia refere o achado de numerosos elementos arquitectónicos em pedra. Dispersão aproximada dos vestígios (de acordo com informação oral e observação do terreno): 10500 m². *Villa* – Romano. Vaz, 1997:25; Vieira, 2004:106

005 **Parceiros** (Portela "de Lá", Mões, Castro Daire); 595526/4524018; cerâmica de cobertura (tégula), silhares graníticos, muro de xisto, a sua área está incluída no sítio anterior (Missa). Habitat? – Romano; Vieira, 2004:107.

006 **Cruz do Pinheirinho ou Sobreira** (Mões, Castro Daire). 594218/4524430; três sepulturas escavadas na rocha, destruídas. Necrópole Rupestre - Alta Idade Média. Marques, 1995:43-44; Correia *et al.*, 1995:125; Marques, 2000: 45; Vieira, 2004:107.

007 **Rebolada** (Vila Boa, Mões, Castro Daire). 592925/4525300; duas sepulturas antropomórficas com cabeceira em arco ultrapassado; fragmentos de tégula, cerâmica comum e escória. Necrópole Rupestre e habitat – Romano, Alta Idade Média. Correia *et al.*, 1995:125; Marques, 1995:45; Marques, 2000: 47; Vieira, 2004: 107.

008 **Aveleira** (Vila Boa, Mões, Castro Daire). 592800/4525375; sepultura ovalada. Sepultura escavada na rocha – Alta Idade Média. Marques, 1995:45; Marques, 2000: 47; Vieira, 2004:108.

009 **Lajedo** (Vila Boa, Mões, Castro Daire). 592791/4525509; sepultura escavada na rocha, destruída. Sepultura Escavada na Rocha - Alta Idade Média. Correia *et al.*, 1995:125; Vieira, 2004:108.

010 **Lagarinho** (Vila Boa, Mões, Castro Daire). 591463/4524896; lagareta escavada na rocha. Lagareta – Alta Idade Média? Correia *et al.*, 1995:125; Vieira, 2004:109.

012 **S. Lourenço** (Moledo, Castro Daire). 597885/4520885; fragmentos de cerâmica de construção (tégulas) e alguns fragmentos de cerâmica comum. A bibliografia refere a existência de muralhas, mós pré-históricas e rotativas. Dispersão aproximada dos vestígios: indeterminado (o sítio foi destruído por surribo). Habitat? - Romano? Igreja/Castelo? - Alta Idade Média. Correia *et al.*, 1995:103, 106; Pedro, 1995:14-15; Vaz, 1997:28, 333; Vieira, 2004:110.

014 **Quintão** (Forno de Telha) (Vila Chã do Monte, Alvite, Moimenta da Beira). 606073/4537432; fragmentos muito rolados de cerâmica de construção (tégula?) e dois fragmentos de cerâmica comum. Habitat? - Romano/Alta Idade Média? Vieira, 2004:111.

015 **Penedos** (Ariz, Moimenta da Beira). 613331/4529532; três sepulturas escavadas no afloramento granítico, entre casas, muito desgastadas por se situarem em zona de passagem. Necrópole Rupestre - Alta Idade Média. Marques, 1995:91-92; Marques, 2000: 93; Vieira, 2004:111.

016 **Janamoga** (Ariz, Moimenta da Beira). 614399/4529516; cerâmica de construção (tégula) e comum, dois silhares graníticos isódomos. Dispersão aproximada dos vestígios: 800 m². Casal - Romano/Alta Idade Média? Vieira, 2004:112.

017 **Pulo do Lobo** (Ariz, Moimenta da Beira). 611488/4532036; sepultura escavada na rocha, cerâmica de construção muito fragmentada e rolada, "merouços" de pedra miúda e média, muito bem aparelhada, escória. Dispersão aproximada dos vestígios: 1000 m². Sepultura Escavada na Rocha e Habitat - Alta Idade Média. Guia, 1984:12; Marques, 1995:91; Marques, 2000: 93; Vieira, 2004:112.

²⁸ Como já foi referido em nota ao texto, foram seleccionados apenas os sítios cartografados, pelo que a numeração se encontra saltada (respeitou-se a numeração do catálogo de sítios publicada em Vieira, 2004).

- 018 **Igreja Velha** (Ariz, Moimenta da Beira). 611971/4531406; alicerces de um edifício que é tradição identificar como Igreja de S. Miguel, fragmentos de cerâmica de construção e também de cerâmica comum, muito fragmentada, certamente medieval. Dispersão aproximada dos vestígios: 2000m². Igreja - Alta Idade Média. Costa, 1979:156; Guia, 1984:15 e 22; Marques, 1995:91; Vieira, 2004:113.
- 019 **Castelo de Ariz** (Ariz, Moimenta da Beira). 612069/4531409; recinto fortificado onde se observam penedos de grandes dimensões intercalados, em alguns troços, com muros de pedra seca, no seu interior, os penedos formam grandes abrigos naturais com marcas de utilização até aos nossos dias (por pastores e caçadores), também estando marcados por negativos de suporte de estruturas (?). Povoado Fortificado - Pré-Histórico. Castelo - Alta Idade Média. Costa, 1979:156; Guia, 1984:12; Marques, 1995:91; Cruz, 1998:161; Vieira, 2004:113.
- 020 **Caria Velha** (Caria, Moimenta da Beira). 618982/4533487; fragmentos de cerâmica comum, talvez de cronologia medieval, o local foi violentamente surribado para plantar eucaliptos, nas imediações deste lugar foram encontrados vários tesouros monetários romanos e moedas medievais. Aldeia? - Romano/Alta Idade Média? Hipólito, 1960-61:53; Vaz, 1982:789; Guia, 1984:33, 40, 46-48; Vieira, 2004:114.
- 021 **Poça dos Moinhos** (Caria, Moimenta da Beira). 618278/4533142; lagareta escavada no afloramento granítico. Lagareta - Alta Idade Média? Guia, 1984:40; Vieira, 2004:115.
- 022 **Fonte do Ouro** (Caria, Moimenta da Beira). 617416/4533151; sepultura escavada no afloramento rochoso. Sepultura Escavada na Rocha - Alta Idade Média. Guia, 1984:40; Vieira, 2004:115.
- 023 **Toutaíinho ou Surrinha** (Caria, Moimenta da Beira). 616512/4534368; fragmentos de cerâmica pré-histórica, segundo a bibliografia terão aparecido moedas e cerâmica de construção e comum, a população fala de uma muralha, o local foi parcialmente destruído por uma terraplanagem para a implantação de antenas. Povoado Fortificado - Idade do Bronze? Castelo? - Alta Idade Média? Guia, 1984:52-53; Vieira, 2004:115-116.
- 024 **S. Tiago** (Vila Cova, Caria, Moimenta da Beira). 617820/4531730; no aparelho de uma capela dedicada a S. Tiago encontram-se muitas pedras reutilizadas entre as quais sobressaem dois silhares almofadados de feição alto medieval, na envolvente da capela aparecem fragmentos de tégula; há uns anos atrás terão aparecido sepulturas e ossadas quando o terreno foi surribado para a plantação de vinha. Igreja - Alta Idade Média. Vieira, 2004:116.
- 025 **Porto** (Vila Cova, Caria, Moimenta da Beira). 617750/4531042; uma sepultura inacabada, fragmentos de cerâmica de construção (tégula e tijolos) e comum. Dispersão aproximada dos vestígios: 300m². Casal - Romano/Alta Idade Média? Necrópole Rupestre - Alta Idade Média. Guia, 1997:62; Vieira, 2004:116.
- 027 **Lagar dos Mouros** (Caria, Moimenta da Beira). 618514/4531733; sepultura de grandes dimensões que foi posteriormente reutilizada como lagareta? Sepultura Escavada na Rocha - Alta Idade Média. Vieira, 2004:117.
- 028 **Laja Velha** (Granja do Paiva, Caria, Moimenta da Beira). 615416/4530138; duas sepulturas ovaladas escavadas em afloramento granítico. Necrópole Rupestre - Alta Idade Média. Marques, 1995:92; Vieira, 2004:117-118 Marques, 2000: 94.
- 030 **Muro** (Pêra Velha, Moimenta da Beira). 614149/4531870; habitat fortificado, possuindo um talude de terra compacta e pedra miúda, aproveitando-se a defesa natural proporcionada pela imponente penedia, no interior algumas rochas apresentam entalhes que terão servido para segurar superestruturas em materiais perecíveis, também existem alguns muros de pedra seca irregular, à superfície encontra-se cerâmica cronologia variada, cerâmica manual, um fragmento de dolium e cerâmica comum feita a torno. Povoado Fortificado - Idade do Ferro? Castelo? - Alta Idade Média? Costa, 1979:155; Guia, 1984:13; Vieira, 2004:118.
- 031 **Quelhas ou Picota** (Pêra Velha, Moimenta da Beira). 614088/4531754, imediatamente abaixo do povoado fortificado anteriormente descrito, à superfície aparece grande quantidade de cerâmica de construção (tégula), alguma cerâmica comum, muita pedra mediana, mós rotativas. Dispersão aproximada dos vestígios: 22000m². Costa, 1979:155; Guia, 1984:13; Vieira, 2004:119.
- 033 **Covais** (Soutosa, Peva, Moimenta da Beira). 613648/4527860; quatro sepulturas escavadas na rocha, cerâmica de construção (tégula) e comum. Dispersão aproximada dos vestígios: 2100m².

- Quinta - Romano/Alta Idade Média? Necrópole Rupestre - Alta Idade Média. Vieira, 2004:120.
- 034 **Casal dos Mouros** (Soutosa, Peva, Moimenta da Beira). 612361/4526064; oito sepulturas escavadas na penedia. Necrópole Rupestre - Alta Idade Média. Guia, 1984:22; 1997:167; Marques, 1995:95; Marques, 2000: 97; Vieira, 2004:120.
- 035 **Portela** (S. Martinho, Peva, Moimenta da Beira). 609022/4526820; sepultura escavada na rocha, em seu redor encontra-se tégula, informações orais dizem que se encontravam moedas e cerâmica quando o local era lavrado. Dispersão aproximada dos vestígios: 2000m². Quinta - Romano/Alta Idade Média? Sepultura Escavada na Rocha - Alta Idade Média. Vieira, 2004:120-121.
- 036 **Um Santo** (S. Martinho, Peva, Moimenta da Beira). 609646/4527726; sepultura escavada na rocha, inacabada. Sepultura Escavada na Rocha - Alta Idade Média. Vieira, 2004:120.
- 039 **Espinheira** (Casfreires, Ferreira de Aves, Sátão). 609386/ 4520557; abundantes fragmentos, algo rolados, de tégula, bem como cerâmica comum. Dispersão aproximada dos vestígios: 3000m². Quinta - Romano/Alta Idade Média? Vaz, 1991:55-56; Vieira, 2004:122.
- 040 **Mata do Pinheiro** (Casfreires, Ferreira de Aves, Sátão). 609651/4519526, sepultura escavada na rocha. Sepultura Escavada na Rocha - Alta Idade Média. Vieira, 2004:123.
- 041 **Quinta de Paredes** (Corujeira, Ferreira de Aves, Sátão). 611680/4521154; cinco sepulturas, três das quais inacabadas, cerâmica de construção muito rolada, escória, a bibliografia refere a grande quantidade de cerâmica de construção (tégulas, ímbrices e tijolos), o achado de um peso de tear e de um fragmento de mó. Dispersão aproximada dos vestígios: 4230m². Quinta. Necrópole Rupestre - Alta Idade Média. Vaz, 1991:54-56; Marques, 1995:124-125; Marques, 2000: 123-124; Vieira, 2004:123.
- 042 **Mogueira** (Tapada, Ferreira de Aves, Sátão). 611788/4517977; lagar escavado no afloramento granítico. Lagareta - Alta Idade Média. Vaz, 1991:54-56; Vieira, 2004:124.
- 043 **Cerdeira do Lagar** (Vilela) (Ferreira de Aves, Sátão). 612035/4517983; um lagar e uma sepultura rupestres, aparece muita tégula, cerâmica comum e escória de fundição. Dispersão aproximada dos vestígios: 6240m². Quinta - Romano/Alta Idade Média? Sepultura Escavada na Rocha, habitat - Alta Idade Média. Vaz, 1991:54-56; Vaz, 1997:100; Vieira, 2004:124.
- 045 **Quinta da Tapada** (Castelo, Ferreira de Aves, Sátão). 611954/4518238, lagareta escavada na rocha, muita escória, bem como cerâmica de construção e comum. Dispersão aproximada dos vestígios: 2000m². Lagareta - Alta Idade Média? Vieira, 2004:125.
- 046 **Cadaval** (Castelo, Ferreira de Aves, Sátão). 612273/4518154, lagar escavado no afloramento rochoso. Lagareta - Alta Idade Média? Vieira, 2004:126.
- 047 **Pedrão 1** (Castelo, Ferreira de Aves, Sátão). 612280/4518580; lagareta escavada na rocha. Lagareta - Alta Idade Média? Vieira, 2004:126.
- 048 (1817030511) **Pedrão 2** (Castelo, Ferreira de Aves, Sátão). 612224/4518607; uma pia rectangular e um orifício circular de função indeterminada. É possível que pertencesse a um lagar ou a uma estrutura que se apoiasse directamente no granito. Lagareta? - Alta Idade Média? Vieira, 2004:126.
- 049 **Castelo** (Ferreira de Aves, Sátão). 612738/4518690; morro granítico muito destacado da envolvente no topo do qual se encontram numerosos entalhes que poderão ter servido para sustentar estruturas lígneas. Castelo - Alta Idade Média. Vieira, 2004:127.
- 050 **Vinha da Moita** (Outeiro de Baixo, Ferreira de Aves, Sátão). 613363/4519691; sepultura escavada na rocha, fragmentada, escória de fundição; fragmentos rolados de cerâmica de construção (tégula) e cerâmica comum, um fragmento de *sigillata*, a bibliografia refere o achado de elementos arquitectónicos, a população refere a lenda da existência de uma igreja. Dispersão aproximada dos vestígios: 11356m². *Villa* – Romano; Sepultura Escavada na Rocha, habitat - Alta Idade Média. Vaz, 1991:39; Vaz, 1997:96-97; Vieira, 2004:127.
- 051 **Casal** (Outeiro de Baixo, Ferreira de Aves, Sátão). 613248/4519458; lagar escavado no afloramento granítico, no seu interior atulhado de pedras também se encontraram fragmentos de tégula, nos terrenos envolventes aparecem fragmentos muito pequenos de cerâmica de construção. Lagareta - Alta Idade Média? Vieira, 2004:128.
- 052 **Leira do Lagar** (Outeiro de Baixo, Ferreira de Aves, Sátão). 613308/4519423; lagar rupestre. Lagareta - Alta Idade Média? Vaz, 1991:54-56; Vieira, 2004:128.

- 054 **Poça da Moura** (Ferreira de Aves, Sátão). 613193/4519257; represa com cerca de 5 m de altura e cerca de 2,5 m de largura, construída com silhares de aproximadamente 75X30 cm, encontrando-se escalonado na face voltada a montante, poderá estar relacionada com a *villa* identificada a menos de 500 metros. Represa - Romano? Vieira, 2004:129.
- 055 **Ferreiros** (Pereira, Ferreira de Aves, Sátão). 612752/4521846; a bibliografia refere o achado de cerâmica de construção e doméstica, bem como escória em quantidade apreciável, devido à vegetação não foi possível identificar nada na zona. Habitat - Romano? Vaz, 1997:98.
- 056 **Quinta da Eira** (Veiga, Ferreira de Aves, Sátão). 611342/4516314; necrópole constituída por oito sepulturas escavadas na rocha, em volta destes sepulcros, que se encontram espalhados por vários penedos, aparecem fragmentos de cerâmica de construção (tégula e telha de canudo) e muito poucos fragmentos de cerâmica comum. Dispersão aproximada dos vestígios: 2000m². Quinta - Romano/Alta Idade Média? Necrópole Rupestre - Alta Idade Média. Vieira, 2004:130.
- 057 **Torre** (Veiga, Ferreira de Aves, Sátão). 611265/4516676; dormente de mó em granito. Achado isolado - Romano/Alta Idade Média? Vieira, 2004:131.
- 058 **Devesa** (Forles, Sátão). 614335/4524375; vários achados de cerâmica, muros e uma mó terão sido feitos quando se explorou ali volfrâmio; hoje só encontramos no local fragmentos muito rolados de cerâmica de construção (tégula) e pouca cerâmica comum, muitíssimo desgastada e de diminutas dimensões. Dispersão aproximada dos vestígios: 2000m². Quinta - Romano/Alta Idade Média? Vieira, 2004:131.
- 059 **Ferradia** (Forles, Sátão). 613482/4525296; sepultura ovalada escavada na rocha. Sepultura Escavada na Rocha - Alta Idade Média. Vieira, 2004:132.
- 061 **Lameira** (Lamosa, Sernancelhe). 615455/4527073; três sepulturas escavadas em afloramento granítico, uma incompleta. Necrópole Rupestre - Alta Idade Média. Correia, 1976:115-116; Marques, 1995:133-134; Marques, 2000: 131-132; Vieira, 2004:132.
- 062 **A-do-Conde** (Lamosa, Sernancelhe). 615722/4528577; três sepulturas escavadas na rocha. Necrópole Rupestre - Alta Idade Média. Marques, 1995:133; Marques, 2000: 131; Vieira, 2004:133.
- 063 **Lameira de Oleiros ou Meiros** (Lamosa, Sernancelhe). 616917/4527613; três sepulturas escavadas na rocha, distando entre elas cerca de 70 m; duas delas foram escavadas lado a lado no mesmo bloco granítico. Necrópole Rupestre - Alta Idade Média. Correia, 1976:116-117; Marques, 1995:134-135; Marques, 2000: 132; Vieira, 2004:133.
- 066 **Outeiro das Pias** (Alhais, Vila Nova de Paiva). 608028/4526143; duas sepulturas escavadas no afloramento granítico, muito danificadas. Necrópole Rupestre - Alta Idade Média. Campos, 1972:180; Lusitanus, 1975:96; Vieira, 2004:134.
- 068 **Pousada das Campas** (Alhais, Vila Nova de Paiva). 608275/4523546; cinco sepulturas escavadas na rocha, de planta antropomórfica, num caso, e ovaladas nos restantes; nos terrenos adjacentes há muito material cerâmico, doméstico e de construção (tégulas), bem como escória de fundição, vários fragmentos de *sigillata* hispânica tardia; pedras bem aparelhadas de médias dimensões. Dispersão aproximada dos vestígios: 10704m². Quinta - Romano/Alta Idade Média? Necrópole Rupestre e Habitat - Alta Idade Média. Gama, 1940:82; Costa, 1979:299; Beleza, 1981:10; Lusitano, 1991:108-110; Marques, 1992:336; Marques, 1995:142; Marques, 1996:209; Marques, 2000: 141; Vieira, 2004:135-136.
- 069 **Cama da Moura** (Fráguas, Vila Nova de Paiva). 603205/4521228; duas sepulturas escavadas na rocha, uma de cada lado da estrada, encontram-se deslocadas do seu local original e muito danificadas. Vieira, 2004:135.
- 070 **Vale da Forca (Cabeços)** (Fráguas, Vila Nova de Paiva). 604024/4521293; segundo a bibliografia aqui encontraram-se materiais cerâmicos, escória e um fragmento de mó; apenas conseguimos identificar material de construção muito erodido e pedra miúda aparelhada. Habitat? - Romano/Alta Idade Média? Marques, 1992:366-367; Vieira, 2004:137.
- 071 **Alcaria** (Fráguas, Vila Nova de Paiva). 605058/4521380; nas imediações do dólmen das Castonairas e nas terras superficiais do *tumulus* do monumento recolheu-se escória de fundição, cerâmica de construção (tégula) e comum. Algumas estruturas, identificadas durante os trabalhos de escavação realizados neste monumento em 1996, relacionar-se-ão com as construções de cronologia histórica,

- eventualmente associáveis aos vestígios anteriormente citados (comunicação pessoal de Domingos J. Cruz, que agradecemos). Habitat? - Romano/Alta Idade Média? Leisner; Ribeiro, 1966:376; Marques, 1992:367; Vieira, 2004:137.
- 072 **Barra** (Fráguas, Vila Nova de Paiva). 602975/4521075; escassos vestígios de escória de ferro e pequenos fragmentos cerâmicos muito rolados; a bibliografia refere a existência de cerâmica comum e de construção (tégulas, ímbrices e tijolos) e abundante escória. Marques, 1992:367-368; Vaz, 1997:122; Vieira, 2004:138.
- 073 **Vila Seca** (Fráguas, Vila Nova de Paiva). 604955/4521741; a escória aparece numa enorme extensão e em toda ela é abundantíssima; a cerâmica é muito escassa; associadas a estes vestígios existem pequenas pias escavadas em afloramento granítico (para moer o minério?), bem como grande quantidade de pedra aparelhada miúda e de médias dimensões. Dispersão aproximada dos vestígios: 8400m². Quinta, Forja? - Romano/Alta Idade Média. Vieira, 2004:138.
- 074 **Fráguas "A"** (Fráguas, Vila Nova de Paiva). 602775/4520675; a bibliografia refere a existência de cerâmica de construção (tégulas e ímbrices) e comum; apenas pudemos encontrar no local escassos fragmentos rolados de cerâmica de construção e muita pedra miúda. Dispersão aproximada dos vestígios: 200m². Casal - Romano/Alta Idade Média? Marques, 1992:368, Vieira, 2004:139.
- 076 **Muradais** (Fráguas, Vila Nova de Paiva) 604002/4523107; vestígios habitacionais, acumulações de pedra (por vezes reutilizada em muros de divisão de propriedade) e alguma cerâmica de cobertura. Habitat - Idade Média. Vieira, 2004:140.
- 077 **São Romão** (Pendilhe, Vila Nova de Paiva). 599672/4527689; cinco sepulturas escavadas na rocha; cerâmica comum e cerâmica de construção (tégula). Dispersão aproximada dos vestígios: 4000m². Quinta, Necrópole Rupestre - Romano/Alta Idade Média. Gama, 1940:82; Marques, 1992:368-369; Marques, 1995:143; Sousa, 1997:132; Marques, 2000: 142; Vieira, 2004:140.
- 078 **Cela** (Queiriga, Vila Nova de Paiva). 605380/4517372; os vestígios foram destruídos pela construção de moradias; a bibliografia refere o aparecimento de cerâmica de construção (tégulas e ímbrices). Habitat? - Romano/Alta Idade Média? Vaz, 1982:787-788; Vieira, 2004:141.
- 079 **Orca do Seixinho** (Queiriga, Vila Nova de Paiva). 605998/4518560; hoje destruído, cerâmica de construção (tégula) e *sigillata* são referidos pela bibliografia. Habitat? - Romano/Alta Idade Média. Vasconcelos, 1897:110; Tavares; Cunha, 1966:125-136; Marques, 1992:369; Vieira, 2004:141.
- 080 **Dorna** (Queiriga, Vila Nova de Paiva). 604100/4517900; fragmentos de cerâmica de construção (tégula) e mós foram encontrados há umas dezenas de anos no local, hoje estão arrecadados no museu paroquial de Queiriga; o local terá sido muito revolvido para explorar volfrâmio, hoje o solo não é visível devido à vegetação. Vieira, 2004:142.
- 081 **Minas da Lousadela** (Queiriga, Vila Nova de Paiva). 606620/4515875; várias minas abandonadas, de hematite, estanho e ouro. A esta última é atribuída uma certa antiguidade, devido aos objectos aí encontrados que serão de época romana. Figueiredo, 1953:171; Campos, 1972:171-188; Vaz, 1982:783-793; Alarcão, 1988:57; Marques, 1992:369-370; Vaz, 1997:123; Vieira, 2004:142.
- 082 **Orca dos Juncais** (Queiriga, Vila Nova de Paiva). 607080/4519362; durante as escavações de José Leite de Vasconcelos apareceram alguns fragmentos de tégula. Habitat? - Romano/Alta Idade Média? Vasconcelos, 1897:107-111; Marques, 1992:369.
- 083 **São Martinho de Almeneixe ou Almonexe** (Touro, Vila Nova de Paiva). 605003/4525870; necrópole de sarcófagos graníticos. Necrópole, Igreja - Alta Idade Média. Gama, 1940:83; Lusitanus, 1975:100-101; Costa, 1979:310; Beleza, 1981:10, 81; Sousa, 1997:154-155; Vieira, 2004:143.
- 084 **Almeneixe ou Almonexe** (Touro, Vila Nova de Paiva). 604798/4526021; cerâmica de construção (tégula); um sarcófago inacabado. Habitat - Alta Idade Média. Vieira, 2004:144.
- 085 **Cerdeira** (Touro, Vila Nova de Paiva). 606535/4528315; o dono do terreno refere o achado de alicerces de muros, muita cerâmica de construção (telha) e cerâmica doméstica. Habitat? - Romano/Alta Idade Média? Vieira, 2004:145.
- 086 **Duas Igrejas** (Laja Gorda, Touro, Vila Nova de Paiva). 603206/4528753; grande quantidade de cerâmica de construção (tégula) pouco partida, escória e cerâmica comum. Dispersão

- aproximada dos vestígios: 2000m². Quinta - Romano/Alta Idade Média. Marques, 1992:371; Marques, 2000: 143; Vieira, 2004:145.
- 087 **Sarnoso** (Laja Gorda, Touro, Vila Nova de Paiva). 603118/4529195; sepultura escavada num monólito granítico. Sepultura Escavada na Rocha - Alta Idade Média. Marques, 1995:144; Marques, 2000: 143; Vieira, 2004:146.
- 088 **Alto do Coxo** (Laja Gorda Touro, Vila Nova de Paiva). 603326/4529211; sepultura rupestre. Sepultura Escavada na Rocha - Alta Idade Média. Vieira, 2004:146.
- 089 **Ribeirinho** (Laja Gorda, Touro, Vila Nova de Paiva). 603032/4528625; sepultura escavada num monólito de granito. Sepultura Escavada na Rocha - Alta Idade Média. Marques, 1995:143-144; Marques, 2000: 142; Vieira, 2004:147.
- 090 **Chão dos Ferreiros** (Vila Cova-à-Coelheira, Vila Nova de Paiva). 599508/4524177; alguma cerâmica de construção muito fragmentada, bem como cerâmica doméstica em fragmentos de pequenas dimensões; abunda a pedra miúda e algumas pedras rudemente aparelhadas; a bibliografia refere o achado de cerâmica de construção (tégulas, ímbrices e tijoleira), uma mó e escória de ferro. Dispersão aproximada dos vestígios: 4200m². Quinta - Romano/Alta Idade Média? Beleza, 1981:116; Marques, 1992:372-373; Vieira, 2004:147.
- 092 **Pinheirinhos ou Alcaria Velha** (Vila Cova-à-Coelheira, Vila Nova de Paiva). 600412/4523915; escória de fundição, em abundância, e fragmentos de cerâmica doméstica; muita pedra miúda aparelhada; pequena pia quadrangular escavada no afloramento granítico. Dispersão aproximada dos vestígios: 3600m². Quinta - Romano/Alta Idade Média? Marques, 1992:371-372; Vieira, 2004:148.
- 093 **Padre Vaqueiro** (Vila Cova-à-Coelheira, Vila Nova de Paiva). 599593/4525394; aparece muita tégula e outra cerâmica de construção, bem como escória; um fragmento de "opus signinum"; foram encontrados alicerces de muros, cerâmicas e escória quando se construiu uma habitação. Dispersão aproximada dos vestígios: 3500m². Quinta - Romano/Alta Idade Média ? Marques, 1992:374; Vieira, 2004:149.
- 094 **Castro de Vila Cova-à-Coelheira** (Vila Cova-à-Coelheira, Vila Nova de Paiva). 601329/4523926; em volta do pequeno recinto fortificado pré-histórico surgem muitos vestígios de habitações, provavelmente com cobertura em materiais perecíveis, pois não se encontra cerâmica de construção; alguns fragmentos de cerâmica comum. Dispersão aproximada dos vestígios: 19800m². Povoado Fortificado - Idade do Ferro. Aldeia/Castelo - Alta Idade Média. Gama, 1940:80-81; Cortez, 1945:120-125; Cortez, 1945/46:351-354; Azevedo, 1954:2-40; Costa, 1979:306-307; Sousa, 1997:159-160; Valinho, Loureiro, 2000; Vieira, 2004:149.
- 095 **Igreja Matriz de Vila Cova-à-Coelheira** (Vila Cova-à-Coelheira, Vila Nova de Paiva). 601336/4525912; quatro sepulturas estruturadas com lajes e três sarcófagos monolíticos. Necrópole, Igreja - Alta Idade Média. Vieira, 1999:35-42.
- 096 **Debotinos** (Vila Cova-à-Coelheira, Vila Nova de Paiva). 601766/4527986; sepultura escavada em afloramento granítico; pedra miúda e cerâmica de construção (tégula bastante rolada e telha de canudo), fragmentos de cerâmica comum. Dispersão aproximada dos vestígios: 10000m². Quinta, Sepultura Escavada na Rocha - Romano?/Alta Idade Média. Costa, 1979:307; Sousa, 1997:161; Vieira, 2004:151.
- 097 **Muragos** (Vila Cova-à-Coelheira, Vila Nova de Paiva). 602250/4527604; duas sepulturas geminadas; fragmentos de materiais de construção (tégula e tijolo) e escória. Dispersão aproximada dos vestígios: 2500m². Quinta, Necrópole Rupestre - Romano? Alta Idade Média. Costa, 1979:307; Beleza, 1981:93; Alarcão, 1988:55; Marques, 1992:373-374; Marques, 1995:145; Marques, 2000: 144; Vieira, 2004:151.
- 098 **Alagoa** (Vila Cova-à-Coelheira, Vila Nova de Paiva). 603807/4526367; fragmentos de cerâmica de construção (tégulas e ímbrices); fragmentos de cerâmica comum e *sigillata*; um prego em ferro e um fragmento de mó. Dispersão aproximada dos vestígios: 4390m². Quinta - Romano. Vieira, 2004:152.
- 099 **Miguela** (Vila Cova-à-Coelheira, Vila Nova de Paiva). 600899/4527839; duas sepulturas escavadas no afloramento granítico; fragmentos de tégula, pedra miúda e escória. Quinta, Necrópole Rupestre - Romano? Alta Idade Média. Dispersão aproximada dos vestígios: 2800m². Vieira, 2004:152.
- 100 **São Paio** (Vila Cova-à-Coelheira, Vila Nova de Paiva). 603564/4524319; extenso escorial; fragmentos de tégula e telha de canudo (predomina claramente esta última). Dispersão aproximada dos vestígios: 16013m². Aldeia -

- Alta Idade Média. Costa, 1979:307-308; Vieira, 2004:153.
- 103 **Coval** (Vila Nova de Paiva, Vila Nova de Paiva). 606774/4523189; duas sepulturas escavadas na rocha; fragmentos de cerâmica de construção (tégula), escória e cerâmica comum muito fragmentada; há uns anos atrás apareceu uma moeda de Constâncio II. Dispersão aproximada dos vestígios: 2000m². Quinta - Romano, Baixo Império. Necrópole rupestre e Habitat - Alta Idade Média. Beleza, 1981:109; Vaz, 1982:84; Alarcão, 1988:57; Marques, 1992:376; Vieira, 2004:154.
- 104 **Carvalhais** (Vila Nova de Paiva, Vila Nova de Paiva). 606157/4524178; necrópole rupestre de 12 sepulturas; a cerca de cem metros do cemitério, a destruição ocasionada pela construção de uma estrada revelou vestígios de época romana e Idade do Bronze; a estação está em processo de escavação, de momento os dados apontam para a existência de uma ocupação do século IV e anterior; há ainda uma área de escorial. Dispersão aproximada dos vestígios: 15000m². Quinta - Romano, Necrópole Rupestre, Habitat - Alta Idade Média. Gama, 1940:83; Lusitanus, 1974:250-251; Costa, 1979:310; Beleza, 1980/81:110-112; Costa, 1985:422; Lusitano, 1991:90; Marques, 1992:375-377; Marques, 1995:146-147; Marques, 1996:209-210; Sousa, 1997:67-168; Marques, 2000: 144-146; Vieira, 2004:155.
- 105 **Caria** (Caria, Moimenta da Beira). 618187/4532290; penedo de grandes dimensões e muito destacado na paisagem que possui no seu cimo entalhes que poderão estar ligados a uma estrutura lígnea, talvez uma torre; o sítio é conhecido localmente como castelo e tem encostada uma capela dedicada à Sr.^a da Guia. Castelo Condal - Alta Idade Média. Barroca, 1991:15.
- BIBLIOGRAFIA**
- ALARCÃO, J. de (1988): *O domínio romano em Portugal*. Lisboa.
- AZEVEDO, R. de (1954): "A Inscrição de Lamas de Moledo (Castro Daire) - Documento musical único na Europa (Elementos para a sua interpretação)". *Beira Alta* 1-2, 2-40. Viseu.
- BARROCA, Mário J., 1991: *Do Castelo da Reconquista ao Castelo Românico (séc. IX-XII)*. Lisboa.
- BELEZA, A. L. (1980/81): *Levantamento Arqueológico de Vila Nova de Paiva*. Trabalho apresentado para a cadeira de Técnicas de Investigação Arqueológica da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Texto Policopiado.
- CAMPOS, J. A. C. de (1972): "À semelhança de *Scalabis*, a cidade romana de *Ierabrica* não se situava ns margens do Tejo, mas no chamado monte do senhor da Boa Morte, junto a Vila Franca de Xira". *Vila Franca de Xira*, 171-188. Vila Franca de Xira.
- CORREIA, A. (1976): "Sepulturas cavadas em rocha no Concelho de Sernancelhe". *Beira Alta* 35:1, 93-135. Viseu.
- CORREIA, A.; ALVES, A.; VAZ, J. I. (1995) *Castro Daire*. 2ª ed. Castro Daire.
- CORTEZ, F. R. (1945): "Peça de ourivesaria visigótica de Vila Nova do Paiva". *Beira Alta* 4:2, 120-125. Viseu.
- CORTEZ, F. R. (1945-46) "Ponteira em ouro dum punhal visigótico de Vila-Nova de Paiva". *Ampurias* 21, 351-354. Barcelona.
- COSTA, M. G. da (1979) *História do Bispado e da Cidade de Lamego*. Tomo II: *Idade Média: Paróquias e Conventos*. Lamego.
- COSTA, M. G. da (1985): "O cristianismo nas terras do Demo". *Beira Alta* 46:3, 421-443. Viseu.
- CRUZ, D. J. (1998) "Expressões funerárias e culturais no norte da Beira Alta". [*Estudos Pré-Históricos* 6] *Actas do Colóquio: A Pré-História na Beira Interior*, CRUZ, D. J., coord., 149-166. Viseu.
- FIGUEIREDO, M. de (1953): "Subsídios para o estudo da viação romana das Beiras". *Beira Alta* 12:1; 12:2-3, 27-63, 153-206. Viseu.
- GAMA, F. da C. M. (1940): *Terras do Alto Paiva. Memória histórico-geográfica e etnográfica do concelho de Vila Nova de Paiva*. Lamego.
- GUIA, A. B. (1984): *Os oito concelhos de Moimenta da Beira*. Moimenta da Beira.
- GUIA, A. B. (1997): *As vinte freguesias de Moimenta da Beira*. 2ª ed. Moimenta da Beira.
- HIPÓLITO, M. de C. (1960-61): "Dos tesouros de moedas romanas em Portugal". *Conimbriga* 2-3, 1-166. Coimbra.
- LEISNER, V., RIBEIRO, L. (1966): "A escavação do Dólmen-Orca das Castenairas, Fráguas -

- Vila Nova de Paiva”, *Lucerna* 5, 376-382. Porto.
- LUSITANO, C. (1991): *Arqueologia*. Lisboa.
- LUSITANUS, C. (1974): “Em terras da Lusitânia”. *Beira Alta* 33:2, 241-263. Viseu.
- LUSITANUS, C. (1975): “Em terras da Lusitânia”. *Beira Alta* 34:1, 89-101. Viseu.
- MARQUES, J. A. M. (1992): “Notas Arqueológicas do concelho de Vila Nova de Paiva”. *Beira Alta* 51:3-4, 359-383. Viseu.
- MARQUES, J. A. M. (1995): *Sepulturas escavadas na rocha na região de Viseu*. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras. Texto policopiado. Porto.
- MARQUES, J. A. M. (1996): “Contributo para o estudo do povoamento da região de Viseu na Alta Idade Média”. *Máthesis* 5, 205-211. Viseu.
- PEDRO, I. (1995): *O povoamento proto-histórico na região de Viseu*. Dissertação de mestrado apresentada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Texto policopiado. Porto.
- SOUSA, J. R. (1997): *Concelho de Vila Nova de Paiva*. Viseu.
- TAVARES, A.; Cunha, D. de A. (1966): “Orca do Seixinho. *Arqueologia e História*” 12, 8ª sér., 125-136. Lisboa.
- VALINHO, A.; LOUREIRO, S. (2000): “O Castro de Vila Cova-à-Coelheira na Idade do ferro do Alto Paiva: resultados preliminares”. [Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular 5] *Proto-história da Península Ibérica*, Berrocal-Rangel, L., et al., coords., 495-501. Porto.
- VASCONCELOS, L. de (1897): “Acquisições do Museu Ethnográfico Português”. *Archeologo Português* 3:3-4, 107-111. Lisboa.
- VAZ, J. L. I. (1982): “A ‘estrada do bispo Alves Martins’, velha estrada romana?”. *Beira Alta* 41:4, 783-793. Viseu.
- VAZ, J. L. I. (1991): *Carta Arqueológica do Concelho de Sátão*. Sátão.
- VAZ, J. L. I. (1997): *A Civitas de Viseu (Espaço e Sociedade)*. Coimbra.
- VIEIRA, M. A. (2004): *Alto Paiva. Povoamento nas épocas romana e alto-medieval*. [Trabalhos de Arqueologia 36], Instituto Português de Arqueologia, Lisboa.

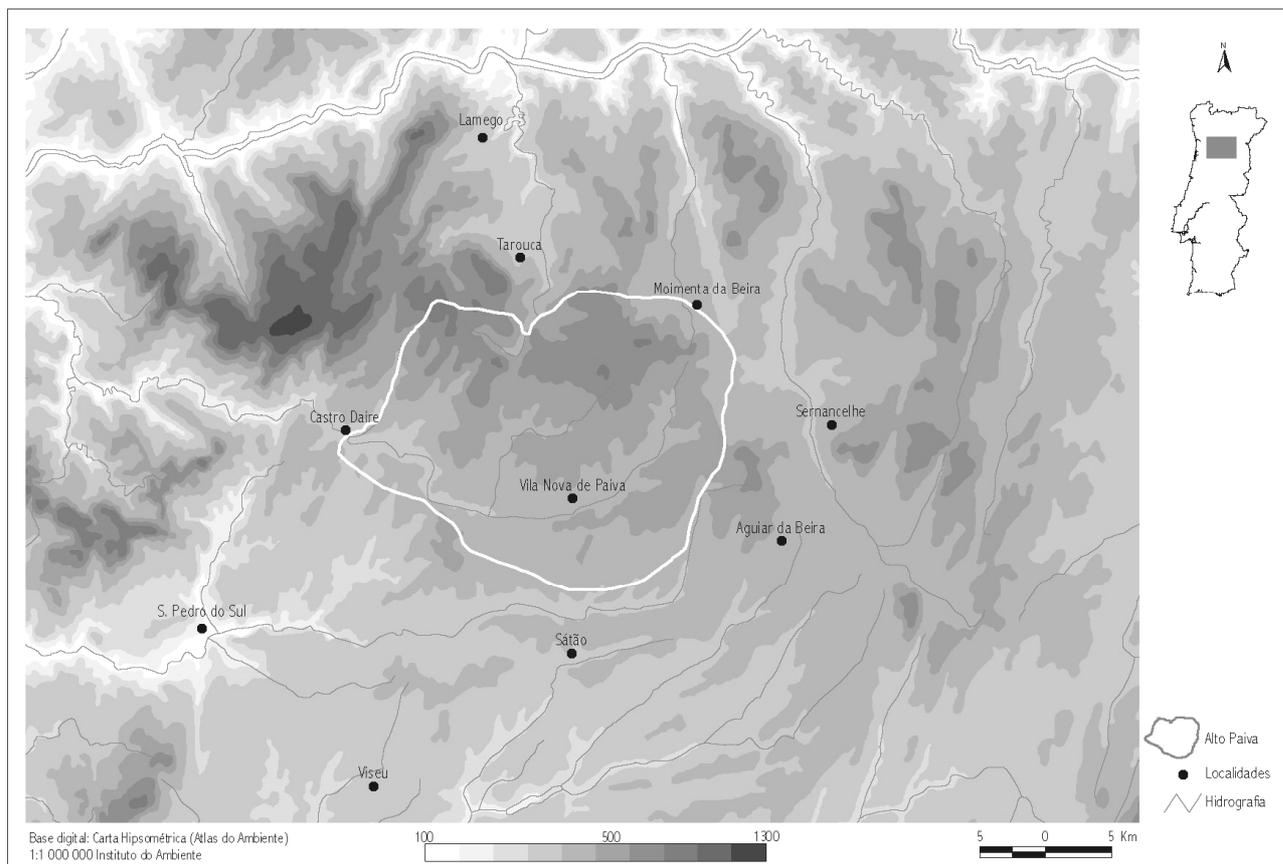


Fig. 1 – O enquadramento do Alto Paiva na região.

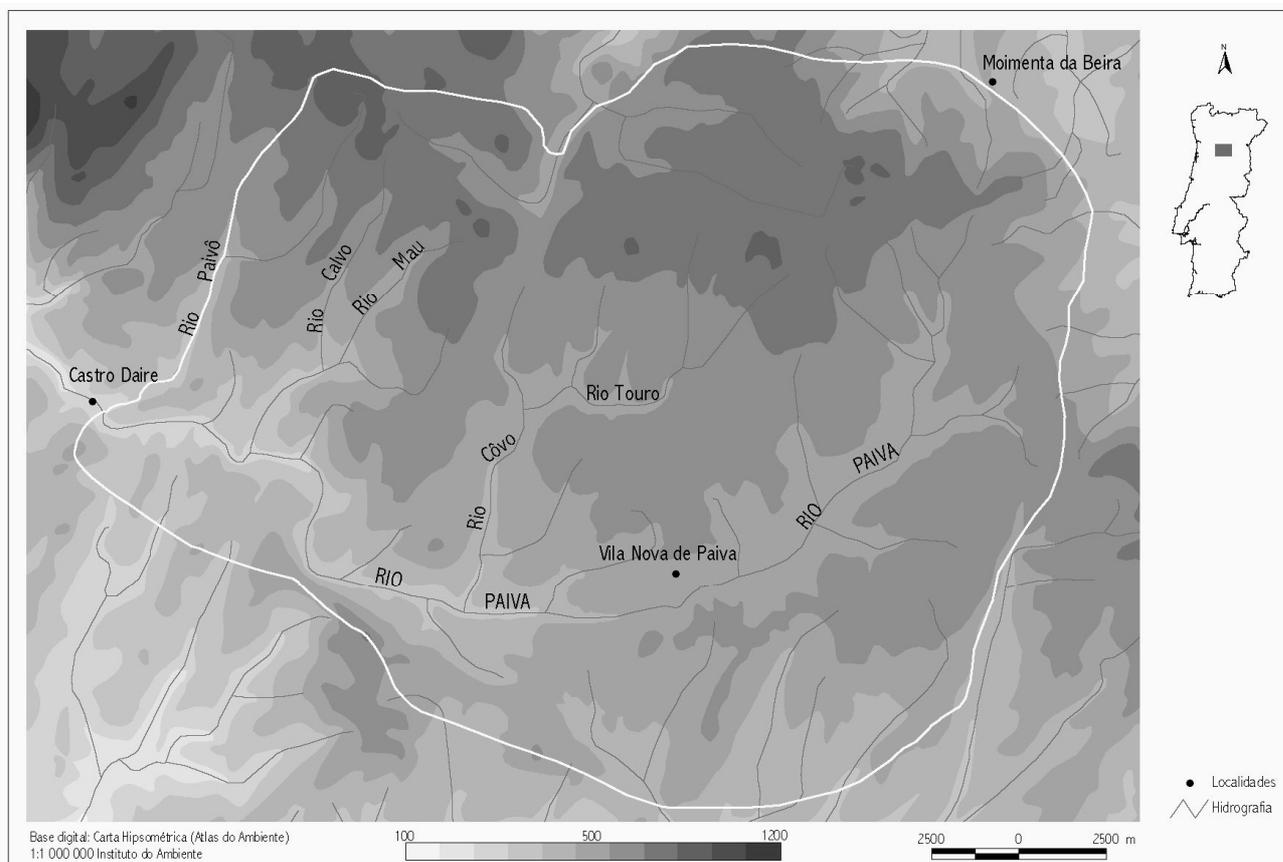


Fig. 2 – O Alto Paiva, o rio e seus afluentes.

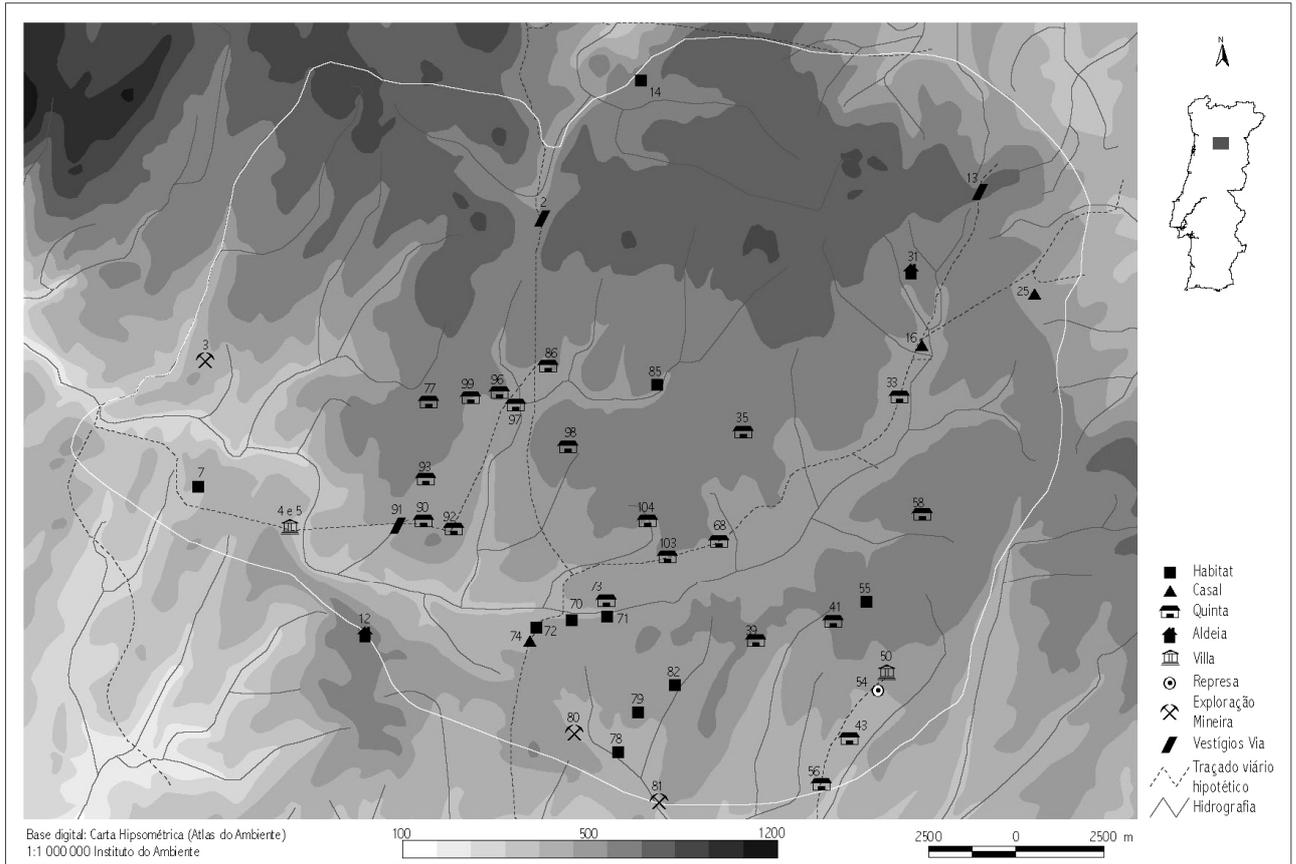


Fig. 3 – Povoamento de época romana.

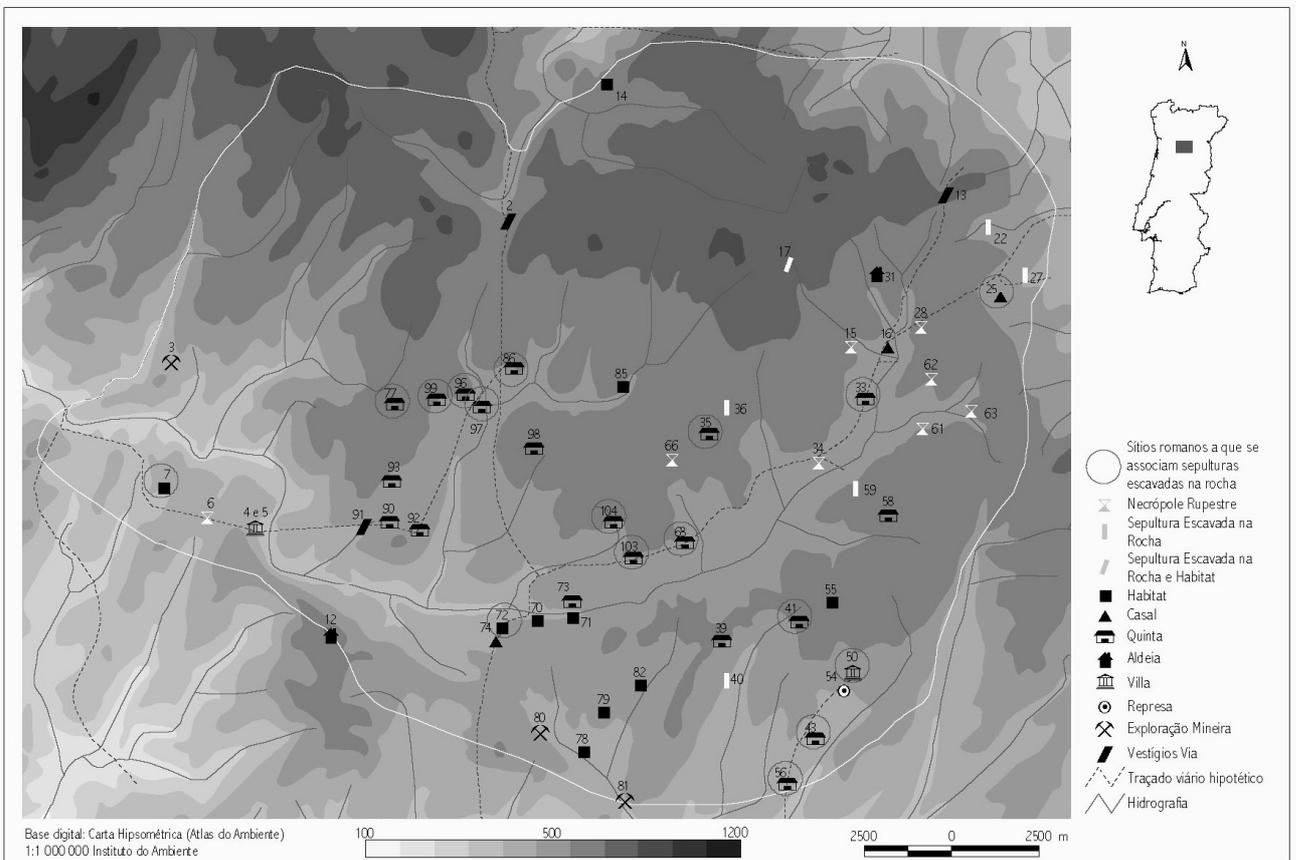


Fig. 4 – Povoamento de época romana e sepulturas escavadas na rocha.

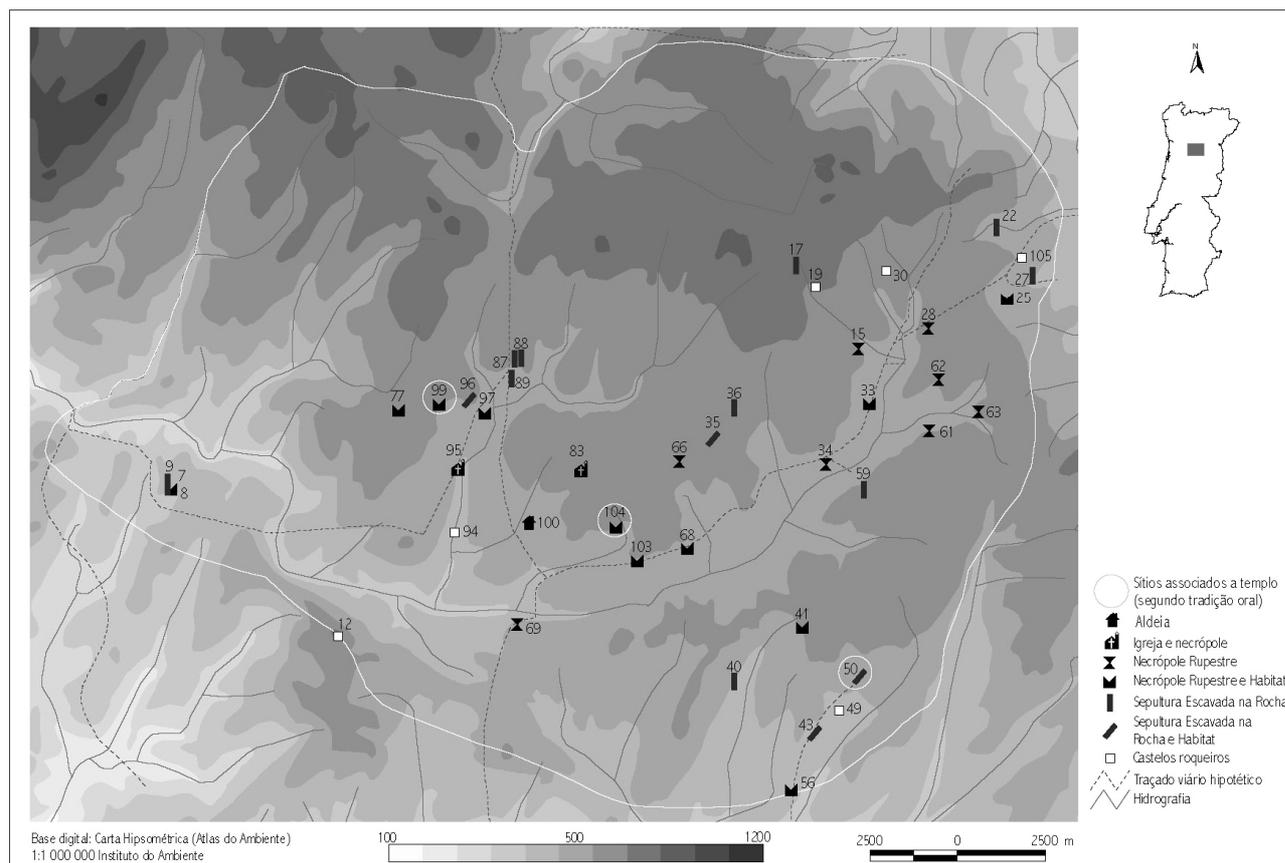


Fig. 5 – Povoamento da Alta Idade Média.